

Notas sobre a influência da cultura portuguesa no Japão (séculos XVII e XVIII): o legado dos missionários europeus

Notes on the influence of Portuguese culture in Japan (17th and 18th centuries): the legacy of European missionaries

Carlo Pelliccia ¹

RESUMO



O *nanbangaku* ou *nanban bunka*, ou seja, o conjunto das doutrinas dos “bárbaros do sul”, não conheceu o seu epílogo com a proscrição do cristianismo, nem com o afastamento dos comerciantes ibéricos. Neste artigo mostramos como a companhia holandesa, que se mudou para Deshima (1641), e a comunidade chinesa de Nagasaki se tornaram também, nos séculos XVII e XVIII, canais de prossecução deste fenómeno. A circulação de informações sobre Portugal e sobre a cultura portuguesa foi veiculada, embora em pequenas doses, no *Seiyō Kibun* (1715), escrito pelo estudioso do neoconfucianismo Arai Hakuseki, tendo por base quatro colóquios-interrogatórios efetuados com o missionário siciliano Giovan Battista Sidotti, chegado clandestinamente a Yakushima em 1708.

Palavras-chave: nanbangaku – missionaçãõ europeia – cultura portuguesa – Seiyō Kibun.

ABSTRACT



The *nanbangaku* or *nanban bunka*, which is the set of doctrines of the "barbarians of the South", did not know its epilogue with the proscription of Christianity or with the expulsion of the Iberian merchants. In this article I try to show how both the Dutch company, which moved to Deshima (1641), and the Chinese community of Nagasaki, in the seventeenth and eighteenth centuries, became channels of this phenomenon. The circulation of information on Portugal and Portuguese culture was transmitted, although in small doses, in *Seiyō Kibun* (1715), written by Neo-Confucian scholar Arai Hakuseki, based on the four colloquies he had with the Sicilian missionary Giovan Battista Sidotti, who arrived clandestinely in Yakushima in 1708.

Keyword: nanbangaku, european missions, portuguese culture, Seiyō Kibun.

¹ Università degli Studi della Tuscia em Viterbo (Itália).

Introdução

A 23 de setembro de 1543², seguindo as indicações de Nanpo Bunshi (1555-1620), monge Zen de Satsuma e estudioso confucionista, expressas no *Teppōki*,³ uma obra dedicada aos arcabuzes europeus, escrita em 1606⁴, alguns mercadores portugueses, a bordo de «una giunca chinesa in compagnia di Wang Zhi» (CARIOTI: 2002: 40), aportaram acidentalmente a Tanegashima, uma ilha do Japão meridional, situada a sul de Kyūshū.

Esse acontecimento, ocorrido segundo alguns no ano anterior,⁵ marca o início das relações entre Portugal e o Japão e o exórdio das trocas económicas e sócio-culturais entre estas duas realidades completamente tão distantes. As relações luso-japonesas decorrem num arco temporal que vai do final da primeira metade do século XVI até alguns decénios (quatro) do século seguinte, até de agosto de 1639, quando o último navio português se afastou do porto de Nagasaki, pondo fim ao comércio ibérico por vontade do *bakufu* Tokugawa (1603-1867)⁶.

Com a chegada de alguns membros da Companhia de Jesus,⁷ a 15 de agosto de 1549, juntamente ao neófito japonês Anjirō, João e António (baptizados em Goa em 1548) e dois servidores: o malabar Amador e o chinês Manoel, movidos com o intuito de instituir a primeira comunidade cristã do arquipélago, estes contatos tornaram-se mais frequentes e depressa se consolidaram. Os jesuítas europeus, apoiados pelo império português através do sistema do padroado régio, vagamente definido como «uma combinação de direitos, privilégios e deveres, concedidos pelo papado à Coroa portuguesa, como patrono das missões católicas e instituições eclesiásticas na África, Ásia e Brasil» (BOXER, 1978: 99), a par com a obra de evangelização para a qual são chamados, tentaram estabelecer um diálogo com a sociedade e a civilização japonesas e contribuir para o nascimento de um fenómeno de comunicação e interação cultural.

² Vigésimo quinto dia, oitavo mês e décimo segundo ano da era Tenbun.

³ A chegada fortuita dos primeiros portugueses a Tanegashima é mencionada também em *Tanegashima Kafu* e em *Kunitomo Teppōki* (LIDIN, 2002).

⁴ Marisa Di Russo afirma que não se trata de uma fonte histórica em primeira mão, dado que se passara mais de meio século (63 anos) após evento descrito. No entanto, é uma das primeiras obras que trata da chegada dos Europeus ao Japão (DI RUSSO, 1975: 359).

⁵ Georg Schurhammer, num artigo publicado em 1946, afirma que os portugueses chegaram em 1542 às ilhas Ryūkyū e só no ano seguinte tocaram as costas de Tanegashima. A tese do jesuíta alemão foi questionada por Shimizu Yuko, que afirma que a chegada dos primeiros portugueses à Terra do Sol Nascente remonta a 1542. A proposta de Shimizu baseia-se nos escritos de António Galvão (c. 1490-1557) no *Tratado dos descobrimentos*, editado em Lisboa em 1563, em que afirma que os portugueses António da Mota, Francisco Zeimoto e António Peixoto chegaram ao Japão em 1542 (SHIMIZU, 2005: 53-59). Estas considerações vão estar em contradição com o que expressou Fernão Mendes Pinto (1509-1583) na *Peregrinação*, obra composta por 226 capítulos, publicada postumamente em 1614, onde refere que foi o primeiro português, junto com Diogo Zeimoto e Cristóvão Borralho, a pisar o arquipélago, sem especificar o ano.

⁶ O 4 de agosto de 1639 é decretada oficialmente a política isolacionista (*sakoku jidai*) do terceiro *shōgun* Tokugawa Iemitsu (1604-1651).

⁷ Os primeiros jesuítas foram Francisco Xavier (1506-1552), Cosme de Torres (1510-1570) e Juan Fernández (1526-1567).

As relações, crónicas, recolhas e cartas escritas nestes anos, especialmente as compostas pelos religiosos estrangeiros, para além de descreverem o estado espiritual e temporal dessa população, as peculiaridades, usos e costumes, como acontece na *História de Japam*, de Luís Fróis (1532-1597),⁸ jesuíta português que chegou ao porto de Yokoseura a 6 de julho de 1563, registaram a introdução de alguns aspectos e características do mundo ocidental e da inserção de novos elementos e metodologias que tocaram vários campos do saber e da vida quotidiana.⁹

Armando Martins Janeira (1914-1988), antigo embaixador de Portugal em Tōkyō, afirma: «O contacto que se realizou entre portugueses e japoneses foi extenso e revelou-se de modo geral, na vida diária, de grande influência, pois tornou-se moda imitar certos costumes portugueses, como acontece hoje com a influência americana» (JANEIRA, 1997: 411).

Esse fenómeno passou à história como *nanbangaku* ou *nanban bunka*, ou seja, o conjunto de doutrinas dos “bárbaros do Sul” (*nanbanjin*), termo emprestado do chinês,¹⁰ com o qual são etiquetados os portugueses e os espanhóis que viajavam para o país a partir dos Oceanos Índico e Pacífico. Estes, como acabámos de mencionar, «avevano preso a diffondere nell’arcipelago rudimenti di medicina, chirurgia, botanica, astronomia, cosmografia, geografia e arte» (IANNELLO, 2012: 40) e a captar assim a *curiositas* de uma boa parte da população e os interesses das autoridades civis.

Como foi demonstrado pela mais recente historiografia e como se tentará apresentar neste contributo, o *nanbangaku* não teve o seu ocaso com a proscricção definitiva do cristianismo (começada em 1614) e com a expulsão dos mercadores e navegadores portugueses, mas continuou a ser praticado e introduzido através de outros canais: as ilhas Ryūkyū, a companhia holandesa (transferida para Deshima a partir de 1641) e a comunidade chinesa, sempre activa na cidade de Nagasaki.

A cultura portuguesa, já inserida em diversas realidades da Ásia Meridional e Oriental apresenta uma ressonância notável no âmbito dos estudos japoneses do período Edo e na publicação de numerosos contributos, mesmo em obras dos próprios holandeses, e nalguns casos a utilização da língua portuguesa ainda vista como “veículo de comunicação” além da elaboração, a partir de 1644, de relações anuais (*fūsetsugaki*) sobre a situação mundial, as quais

⁸Segundo Rui Manuel Loureiro esta obra é um «enorme monumento literário e talvez o mais significativo repositório de notícias sobre a vida do Império do Sol Nascente na segunda metade do século XVI» (LOUREIRO, 2009: 208-209). O investigador recorda, por outro lado, que a ideia de realizar uma obra deste género deve ter partido de Giovanni Pietro Maffei (1533-1603): em 1579 o manifestou ao prepósito geral Everardo Mercuriano (1514-1580) a necessidade de redigir uma relação sobre a história da missão da Companhia no Japão, que desse atenção à narrativa de alguns aspectos do povo nipónico. Na mesma ocasião, o jesuíta italiano sugeriu o nome de Luís Fróis pelas suas atitudes na escrita e pela sua longa permanência no país. Maffei escreveu uma carta ao padre geral Mercuriano, o qual faleceu no ano seguinte, e é o seu sucessor que escreveu a Valignano com esta sugestão. Provavelmente, só em meados de 1584, é que o pedido chegou a Nagasaki.

⁹ Mesmo em alguns relatos em língua japonesa é possível individuar a presença da cultura de expressão ibérica no país, especialmente na cidade de Nagasaki. Um exemplo emblemático é dado pelo *Ōwada Shigekiyo nikki* escrito por este *samurai* servidor da família Satake do domínio de Mito, que foi enviado, em agosto de 1593, precisamente a Nagasaki, com o objectivo de comprar produtos estrangeiros (HESELINK, 2015: 27-45).

¹⁰ Designava os povos não chineses nos mares do Sul da China e na península indochinesa.

continham primeiramente notícias tocantes à Península Ibérica e depois informações sobre outros países europeus, as Índias e a China (LEEMHUIS, 1971: 2), mostram o papel que Portugal teve durante a época Tokugawa até se chegar à gradual reabertura do Japão ao Ocidente (a partir de 1853) e ao período Meiji (1868-1912) que confere grande impulso às relações internacionais e ao processo de modernização do país.

Ressonâncias do nanbangaku no Japão (séculos XVII-XVIII): a Holanda e a China

Como é sabido, nos inícios do século XVII os holandeses chegaram ao Japão: em primeiro lugar à costa de Bungo (acidentalmente), a 19 de abril de 1600, a nau *Liefde* capitaneada pelo inglês William Adams (1564-1620) e, alguns anos depois (1609), instituiu-se uma casa comercial em Hirado¹¹ confiada ao *opperhoofd* Jacques Specx (1585-1652), até janeiro de 1621.

Com a presença dos holandeses associou-se ao *nanbangaku* a chamada *kômō bunka*, isto é, a cultura dos cabelos ruivos (*kômōjin*), como foram definidas as populações do Norte da Europa que aportavam à Ásia oriental.¹² Seguidamente estes estudos foram designados como *Orandagaku* ou *rangaku* (“estudos holandeses”) em virtude do contributo dado pela Companhia Holandesa das Índias Orientais (*Vereenigde Oost-Indische Compagnie*, VOC, 1602-1800), ainda que aí se encontrassem promotores europeus de várias nacionalidades, e assim «po’ tutta la cultura occidentale accedette all’arcipelago attraverso tale canale o fu complessivamente nota sotto la denominazione di *rangaku*» (TAMBURELLO, 1989: 241). Só no século XIX entra em uso o vocábulo *yōgaku* para delinear o sentido genérico de “estudos ocidentais”.

Alguns investigadores salientam, muitas vezes, que a clara distinção que se fez entre o *nanbangaku* e o *rangaku* omitiu a componente europeia introduzida no país entre os séculos XVII e XIX através da intervenção chinesa, «mentre si è trattato di un fenomeno storico di vasta portata, poiché non solo si è innestato con continuità nel *nanbangaku*, ma è stato anche una voce di confronto e, ciò che è più importante, di completamento e di integrazione del *rangaku*» (BORRIELLO, 2002: 50).

¹¹ Segundo o *Thresoor der Zeevaert*, publicado por Lucas Janszoon Waghenaer (c.1533-1606) em Leiden no ano de 1592, o primeiro holandês a chegar ao Japão foi Dirck Gerritsz Pomp (1544-c.1608), que aí se deteve por cerca de oito meses: de 31 de julho de 1585 a 20 de março de 1586 (LEEMHUIS, 1969: 121).

¹² Depois dos holandeses chegaram os ingleses em 1613 e também eles criaram uma agência comercial na cidade de Hirado. Estes saíram do país em 1623.

Um dos contributos mais evidentes e relevantes da obra dos portugueses parece ser o da medicina.¹³ É sabido que o primeiro contato do Japão com as ciências médicas e a cirurgia ocidental foi feito pelo português Luís de Almeida (1525-1583), um comerciante, licenciado em medicina (30 de março de 1546), que entrou na Companhia de Jesus em 1556 após uma profunda crise espiritual. Imediatamente, Almeida dedicou-se aos doentes de sífilis e de lepra, construindo um hospital em 1557, em Funai (província de Bungo), local em que deu lições de cirurgia e praticou algumas intervenções, que ganharam sucesso em diversas zonas do arquipélago. Almeida introduziu, deste modo, o *nanban igaku* (medicina dos “bárbaros do Sul”) e o *nanbanryū geka*, a prática da cirurgia que com os anos sofreu um retrocesso e diversas alterações devido às disposições instituídas pela Companhia através da publicação das *Constitutiones* (1558) e de directivas que o visitador Alessandro Valignano (1539-1606) difunde na sua primeira visita ao Japão (1579-1582). De facto, em 1561 o hospital foi deixado ao cuidado de alguns japoneses e em 1586, quando as armadas de Shimazu Yoshimasa (1533-1611) invadiram o Funai, a estrutura, juntamente à igreja, é incendiada e não voltou a ser reconstruída.

Neste âmbito é muitas vezes citado o contributo de Cristóvão Ferreira (1580-1650), entrado na Ordem em 1596 em Coimbra, e que chegou ao Japão em 1609 (enviado a Arima para estudar a língua), conhecido pela sua apostasia em 1633 (Sawano Chūan),¹⁴ ano em que detinha o cargo de *Provincialis vices gerens*. Este jesuíta aparece com relevo nas fontes relativas à história da medicina nipónica. Examinando alguns documentos e testemunhos holandeses é possível avançar a hipótese de que Ferreira tenha podido adquirir conhecimentos nesta área, apesar de não ter estudado esta disciplina anteriormente, graças ao contato com este estabelecimento, interessando-se especialmente pelo «trattamento delle ferite e l’impiego delle erbe medicinali» (LUCCHESI, 1995: 76). Por outro lado, são-lhe atribuídos alguns tratados da matéria todos redigidos em língua japonesa. O seu nome está associado, de facto, a um texto médico, o *Nanbanryū geka hidensho*¹⁵, do qual não se conhece com rigor a autoria, nem sequer a data da compilação (impresso mas tarde, em 1696). Todavia, também lhe são atribuídos o *Nanban Chūan geka hidensho* e o *Nanban gekashū* e também lhe é reconhecido o mérito de ter iniciado algumas tradições médicas do período Tokugawa: a escola Yoshida, Sugimoto e Nishi, onde entre os seus melhores discentes se encontravam Handa Jun’an, que irá conduzir uma série de estudos segundo a metodologia *nanban igaku*, Sugimoto Chūkei, marido da filha de Sawano, que se tornará o médico pessoal do *shōgun* Tokugawa Yoshimune

¹³ O *Rangaku kotohajime* escrito por Kukuchi Kan (1889-1948) é ambientado em Edo na segunda metade do século XVIII, recorda que o ensino médico na Terra do Sol Nascente foi lançado primeiro pelos portugueses (ORSI, 1974: 73-74).

¹⁴ Ferreira casa com a viúva (ficando também com os filhos) de um justicado chinês e o seu nome é registado segundo o sistema nipónico, num templo budista, no seu caso o Kōdaiji. Torna-se assim num ajudante do governo japonês na erradicação da religião católica, traduzindo documentos portugueses e espanhóis apreendidos aos missionários e escrevendo tratados, como o *Kengi-roku* em 1636, com o intuito de revelar algumas falsidades da doutrina estrangeira e valorizar, em contraponto, alguns aspectos do confucionismo.

¹⁵ Janeira afirma que a obra foi republicada sob o título *Oranda geka shinan* (1705), dado que não era possível utilizar a palavra *nanban* como será afirmado pelo *bakufu* Tokugawa num decreto de 1718: «Hoje a palavra *nanban* deve ser suprimida e o seu uso é estritamente proibido pelo governo do *xogum*» (JANEIRA, 1988: 166).

(1684-1751) e Nishi Genpō que, além de se dedicar a essa disciplina, mostrará interesse na prática da língua portuguesa e depois da holandesa.

Por outro lado, Hubert Cieslik refere:

Nevertheless, it is highly doubtful whether he was able to perform a surgical operation. In summary, it would be true to say that Ferreira in fact does not occupy a very important position in the history of Japanese medicine, and that this history owes far more to the Dutch tradition, or *oranda igaku*, than to the Portuguese (CIESLIK, 1974:48).

O seu nome está ligado também ao campo da astronomia. De facto, deve notar-se a tradução em *rōmaji* sob o impulso de Inoue Chikugo no Kami Masashige (1585-1661), do *Kenkon Bensetsu* (ca. 1650) um texto que «costituì la prima introduzione¹⁶ alle teorie occidentali sul cosmo, la terra, le eclissi ed i vari fenomeni metereologici» (LUCCHESI, 1995: 63) e que, de acordo com a introdução tratar-se-ia de uma obra chegada, provavelmente, de Macau e levada para o Japão na segunda expedição (composta por cinco jesuítas e alguns leigos¹⁷) de Antonio Rubino (1578-1643) em 1643.¹⁸ Também sobre este tratado e a sua autoria foram apresentadas diversas hipóteses e tradições contraditórias: entre as mais acreditadas conta-se a que sustenta que a transliteração foi realizada por vontade de Kainoshō Masanobu e executada por Nishi Kichibei (m. 1666) e pelo médico Mukai Genshō (1609-1677)¹⁹, «this last one also wrote a commentary on its theories from a neo-Confucian perspective» (SANTOS, 2011: IX). Este texto foi produzido entre 1656 e 1659 e a sua difusão favoreceu um profícuo interesse pelas ciências ocidentais, tendo o tratado original sem os comentários de Mukai sido sintetizado com o nome *Tenmon Biyō*(LUCCHESI, 1995: 64).

Um outro notável contributo dado pelos missionários estrangeiros encontra-se nos estudos filológicos, na realização de manuais e de instrumentos linguísticos, na elaboração de gramáticas sistemáticas e de dicionários bilingues e trilingues, que se tornaram mais

¹⁶ Em Japão. Leia-se este artigo (LEITÃO-SANTOS, 1998: 285-318).

¹⁷ Boxer reporta que o grupo é formado por cinco jesuítas (quatro europeus e um irmão japonês) com cinco catequistas chineses e japoneses, dez pessoas no total (Boxer, 1951: 391).

¹⁸ O primeiro grupo de cinco jesuítas (dois italianos, um luso-japonês, um espanhol e um polaco) e três catequistas, disfarçados de chineses, chega à baía de Satsuma a 11 de agosto de 1642, provenientes de Manila. São presos e conduzidos a Nagasaki, onde são submetidos à tortura da fossa (*ana-tsurushi*) em março do ano seguinte (JENNES, 1959: 170).

¹⁹ Santos escreve: «Mukai Gensho had begun his preface to the completed South Barbarian exposition by writing that “[t]he editor of this book was Chūan, a Portuguese from South Barbary. Chūan was a Jesuit priest, bonze of South Barbary, with excellent astronomical learning”. This Chūan, who was responsible for the Japanese treatise written in Latin letters that Gensho transliterated with the help of Kichibei, had been born during the events that led to the union of the crowns of Castile and Portugal into the political entity known by the Japanese as South Barbary» (SANTOS, 2005: 200).

frequentes graças ao estabelecimento, em 1590, de uma imprensa com caracteres móveis na comunidade jesuítica de Kazusa, que irá conduzir ao nascimento dos *kirishitan-ban* (edições cristãs), alguns realizados também para apresentar a literatura europeia. Enquanto no primeiro caso ainda está por avaliar a real importância que tiveram os estudos de filologia com o afastamento dos religiosos estrangeiros, embora se utilizem ainda hoje em língua japonesa termos provenientes do português e que cobrem diversos âmbitos da vida quotidiana, no segundo, pelo contrário, essa influência regista-se depois da ausência dos jesuítas europeus. A publicação em 1593 em Amakusa de *Esopo no fabulas*, que consta da tradução em caracteres latinos de 70 fábulas de Esopo, introduzidas por uma breve biografia do escritor grego, precede o célebre *Isoho monogatari*, do qual se assinalaram catorze edições de 1610 até ao final dos anos de 1650, que segundo Maria Teresa Orsi «ebbe una tale diffusione da far sì che molti episodi fossero assimilati dal patrimonio folcloristico indigeno, oltre che trasmessi più volte attraverso la narrativa» (ORSI, 1979: 443, n. 31). Neste sentido escreve Adolfo Tamburello:

Ne avrebbe subito l'influenza Asai Ryôï per l'impostazione del suo *Ukiyo monogatari* del 1661. Un'altra eredità fu quindi rappresentata dai *Kirishitan monogatari* ed altri racconti incentrati sulla vicenda del cristianesimo nel paese e la partecipazione dei primi Europei agli avvenimenti della storia locale (TAMBURELLO, 1989: 245).²⁰

No campo da agronomia e da botânica, mencione-se o trabalho do jesuíta português Diogo de Mesquita (1551-1614), pioneiro na introdução e no cultivo das plantas ocidentais no arquipélago, como o próprio comunica a Juan de Ribera (1565-1622), então reitor do colégio de Manila, numa missiva composta em Nagasaki a 28 de outubro de 1599 (CORREIA, 2003: 73-91). De facto, «Los jesuitas introdujeron el olivo, la vid dulce etc, e igualmente rosas aromáticas y otras flores fragantes, como escribió Bernardino de Avila Girón en 1615» (RUIZ-DE-MEDINA, 1997: 179). Parece que se manteve o interesse dos japoneses pelo vinho, o qual foi introduzido inicialmente pelos europeus com uma finalidade religiosa (celebração eucarística). O vinho era guardado em jarros, garrafas e barris ocidentais, o que acabou por incentivar a produção do vasilhame no local. Maeda Taiji afirma que não se conhece o ano exacto em que começou a produção de vidro no Japão,²¹ mas provavelmente teve início em Nagasaki sob o impulso da importação de vidro europeu. De facto, recorda, considerando a afirmação contida no

²⁰ Tamburello refere: «come, per esempio, in occasione della rivolta di Shimabara, una serie di opere furono dedicate alla storia di Nagasaki ed i *Nagasaki-ki* costituirono un interessante filone narrativo in cui spesso entravano in scena uomini e cose dell'Europa» (TAMBURELLO, 1980: 47).

²¹ O vidro era conhecido desde a antiguidade através das importações da China e da Coreia.

Nagasaki Yawakusa, uma obra composta em 1720,²² que o *biidoro* (termo derivado do português vidro) era feito nessa cidade sob as orientações de artesãos ocidentais (MAEDA, 1963: 114).

Um ulterior canal através do qual foi possível fazer penetrar a ciência e a cultura europeias, de matriz católica, foi a China. Ainda antes dos primeiros éditos de proscricção, chegaram ao Japão obras escritas, organizadas e patrocinadas pelas missões católicas e, apesar da censura exercida pelo poder Tokugawa, muitos volumes penetraram e circularam no arquipélago continuamente desde o século XVII e algumas cópias (mesmo de matéria religiosa) escaparam ao sequestro. No início do século XVIII, quando já os controlos eram mais leves, consentiu-se a importação e a compra de livros que não fossem de temática religiosa e que não apresentassem referências à doutrina cristã.

Depois de se ter constatado a vasta legibilidade que o chinês literário tinha na maior parte dos territórios da Ásia oriental, os jesuítas compreenderam que as obras escritas nessa língua podiam ser filtradas e apreciadas também no Japão, onde, de facto, recolheram uma estima particular. Neste campo, o religioso mais célebre é, sem dúvida, Matteo Ricci (1552-1610), o qual com um claro objectivo pedagógico compilou textos (também graças ao auxílio de dois colaboradores autóctones: Xu Guangqi e Li Zhizao) em língua chinesa, que «presentano un enorme interesse storico, giacché in essi venne realizzata la sintesi di molte conoscenze scientifiche occidentali» (IANNACCONE, 1996: 207). Para além da difusão do *Catechismo* em chinês, publicado no Império do Meio em 1584, foi dada ampla visibilidade à obra geográfica de Ricci, a qual foi considerada como uma fonte preciosa para o desenvolvimento da cartografia no Japão, basta pensar que o primeiro mapa-múndi japonês *Bankoku sōzu* apresentado em Nagasaki em 1645²³ era baseado na terceira edição de Pequim publicada em 1602 e intitulada *Kunyu Wanguo Quantu*.

Outros jesuítas procuraram continuar a actividade de Matteo Ricci e empenharam-se na realização de obras de grande rigor científico e metodológico. Sobretudo Giulio Aleni (1582-1649), originário de Brescia, entrou na Companhia em 1600 e foi missionário na China de 1611 a 1649, o qual compôs o *Xixue fan*, editado em Hangzhou em 1622 (Hung-Kay-Luk, 1997: 479) e no ano seguinte o famoso tratado de geografia *Zhifang waij*, de que algumas cópias chegaram ao Japão. Sobre tal contributo documentou-se profundamente o geógrafo e astrónomo Nishikawa Joken (1648-1724) para a composição da sua obra sobre relações económicas internacionais da China, publicada em Kyōto em duas edições, respectivamente em 1695 (*Kaitsūshōkō*) e em 1709 (*Zōho Kaitsūshōkō*). Edmund Lamalle, no seu perfil, recorda que: «Post. P. Matthaeum Ricci, Aleni unus fuit e missionariis S.I. qui litteras Sinensium maxime caluerunt. Magnam eius bibliographiam ...»²⁴.

²²Ano em que é concedida a introdução de livros ocidentais traduzidos em chinês, desde que não tivessem como finalidade a divulgação da doutrina católica.

²³ «which were the first European-style world maps to be produced within Japan. These maps again show European influence while also retaining non-Western distinctions» (McCAFFREY, 2015: 23-24).

²⁴Archivum Romanum Societatis Iesu (ARSI), *Schedario unificato Lamalle, sub nomine*.

Regista-se, por outro lado, a circulação de textos de outros membros da Ordem, particularmente activos nas cortes imperiais Ming e Qing, entre os quais os do espanhol Diego Pantoja (1571-1618), especialista em relojoaria e artes manuais; dos italianos Alfonso Vagnoni (1566-1640) e Luigi Buglio (1606-1682); do alemão Johann Adam Schall von Bell (1592-1666) (TAMBURELLO, 1989: 248), que trabalhou na realização do calendário chinês e na introdução do telescópio e com o advento da dinastia Qing (1644-1912) foi nomeado «Head of the Mathematical Board and Director of the Beijing Ancient Observatory» (SALVIA, 2012: 961) e do flamengo Ferdinand Verbiest (1623-1688). Este último foi autor de diversos tratados científicos, sobretudo de astronomia, que inspiraram muitos japoneses e algumas das informações comunicadas por ele foram incorporadas em outros textos do século XVIII: um exemplo foi dado pelo *Keiho Gūhitsu*, redigido pelo estudioso confucionista Hirazawa Kyokuzan (1733-1791) e publicado em Nagasaki em 1776.

Resta comunque un fatto che attraverso la Cina, il Giappone rimase in contatto col versante cattolico della cultura europea, e non solo l'opera scientifica di Matteo Ricci e dei missionari che gli succedettero in Cina ebbe eco nell'arcipelago, ma anche quella filosofico-religiosa. Significativi richiami ricorsero nell'*Inshō* di Matsushita Shōzō del 1640; punti e argomenti furono dibattuti nei saggi di Hayashi Razan (1583-1657) e Kumazawa Banzan (1619-1691). A cavallo dei secoli XVII-XVIII molti altri autori si soffermarono sul cristianesimo: da Asai Ryōi a Kaibara Ekiken, ad Arai Hakuseki, a Ogyū Sorai (TAMBURELLO, 1984: 154-155).

O afluxo de obras da China mantem-se até ao século XIX, quando começaram a ser introduzidos também volumes com referências e excertos de carácter religioso que, até certo ponto, contribuíram para sustentar uma renovada obra de evangelização do cristianismo no arquipélago com o retomar da actividade missionária com a chegada dos sacerdotes da Sociedade das Missões Estrangeiras de Paris graças a alguns contatos estabelecidos entre o Japão e a França e revigorada com a descoberta dos *kakure kirishitan* (cristãos escondidos), através do famoso encontro de Bernard Thadée Petitjean (1828-1884) com um pequeno grupo de camponeses (sobretudo mulheres) de Urakami, a 17 de março de 1865, na igreja de Ōura.

Por fim, a mediação feita por holandeses e chineses em Nagasaki permite manter um contato constante com a arte europeia, que, entre os séculos XVI e XVII, despertava um particular interesse no país. É sabido, de facto, que os jesuítas, durante a chegada de Giovanni

Cola (1560-1626) em 1583²⁵ (GARCÍA GUTIÉRREZ, 2004: 102), fundam uma *schola pictorum*, com a intenção de fazer conhecer e de ensinar aos jovens locais as técnicas da pintura ocidental. O seminário dos pintores cativou também, desde logo, a atenção dos artistas não cristãos e, em virtude da perseguição feita pelo poder Tokugawa, foi forçado a mudar-se para Macau em 1614. A continuação do *nanban bijutsu* (arte nanban) manifestou-se, portanto, através da importação de livros ilustrados, impressões e pinturas e, se inicialmente parece “uma actividade” circunscrita a Nagasaki, rapidamente, graças ao cosmopolitismo desta cidade, difundiu-se a vários locais do arquipélago. Os primeiros que se aproximaram de temáticas europeias foram aqueles que tinham contatos frequentes com os estrangeiros: os intérpretes, «i *kara-e mekiki* o *e-mekiki*, cioè i funzionari shogunali incaricati dell’esame e della copiatura delle opere d’arte di importazione» (TAMBURELLO, 1980: 42-43) e os membros das famílias Watanabe, Hirowatari e Araki. O estudo da arte europeia intensificou-se, por outro lado, no decurso do século XVIII, assinalando-se o empenho de alguns artistas, entre os quais destaquem-se Tenryū Dojin (1718-1810), atraído pelo tema figurativo da videira; Okada Shuntōsai, gravador, interessado na produção, sob influência europeia, de estampas sobre Nagasaki e os aí residentes e Wakasugi Isohachi, motivado pelo estudo dos testemunhos sobre viventes do *nanban bijutsu* e versado na técnica de pintura a óleo (TAMBURELLO, 1980: 43).

A cultura portuguesa no Seiyō Kibun de Arai Hakuseki

A 10 de outubro de 1708, aportou clandestinamente a Yakushima, em Kyūshū, um missionário italiano Giovan Battista Sidotti (1668-1715), disfarçado de *samurai*, proveniente de Manila, local a que tinha chegado em 1704 (juntamente com Carlo Tommaso Maillard de Tournon [1668-1710]),²⁶ com intenção de restabelecer a presença católica no Japão. Pouco depois de desembarcar, o sacerdote foi capturado e conduzido primeiro a Nagasaki e depois, em dezembro de 1709, chegou a Edo para ser encerrado na prisão dos cristãos (*Kirishitan yashiki*) e para ser interrogado, com o auxílio de alguns intérpretes que foram levados de Nagasaki (*Oranda tsūji*), (SEMIZU, 2001: 131-146) pelo filósofo e intelectual neo-confucionista Arai Hakuseki (1657-1725).²⁷ O resultado dos quatro colóquios-interrogatórios entre o

²⁵ Curvelo escreve: «The reason why Giovanni Nicolao was called for the Japanese mission had to do exclusively with his artistic gifts» (CURVELO, 2001: 28).

²⁶ Nesta viagem o cardeal encontra várias dificuldades e comete, portanto, o primeiro erro diplomático: evitar a partida de Lisboa. Maria Luisa Cusati escreve: «Antes de mais, era necessário chegar a Macau evitando o controlo português porque cada transferência para o Oriente devia respeitar o Padroado português e obter a autorização de Lisboa que mantinha ótimas relações com o Império Chinês» (CUSATI, 2012: 41).

²⁷ Em Edo, enquanto esperava a chegada de Sidotti, Arai Hakuseki dedica-se à leitura de três volumes escritos em 1675 pelo jesuíta Giuseppe Chiara (1602-1685), apóstata em 1643, ao qual será dado o nome de Okamoto Sanuemon. O investigador japonês estava também em posse de outras fontes europeias: uma edição do mapa-múndi de Ricci e uma cópia da *Nova*

estudioso japonês e o presbítero italiano foi a elaboração do *Seiyō Kibun* em 1715,²⁸ editado apenas em 1882 uma vez que o governo Tokugawa não autorizava a publicação de volumes com referências explícitas ao cristianismo, ainda que essas referências não fossem particularmente favoráveis. O texto, descoberto pelo missionário protestante americano Samuel Robbins Brown (1810-1880) numa biblioteca de Tōkyō, foi publicado em tradução inglesa em 1865-1866 nas páginas do *Journal of the North-China Branch of the Royal Asiatic Society*. Todavia, ocorre referir que algumas cópias manuscritas desta obra circularam nos ambientes da época Tokugawa, suscitando muito provavelmente a atenção daqueles que estavam interessados em adquirir informações sobre o mundo ocidental.

Na obra, que consta de três volumes e que apresenta uma boa quantidade de notícias sobre o Ocidente e uma clara confutação da doutrina católica, para além de alguns aspectos da biografia do sacerdote siciliano, a sua viagem pela Ásia e o seu desejo de chegar ao Japão, encontram-se também informações sobre Portugal e sobre a cultura portuguesa que vão do âmbito explorativo-colonial ao comercial, ao campo histórico-político e ao missionológico, da esfera linguística à cultural, que neste nosso contributo são analisados recorrendo à tradução italiana inédita de Lorenzo Contarini (1921-1998),²⁹ conservada no Archivio Generale Saveriano di Roma (ASR).³⁰

Portugal e os portugueses são recordados, acima de tudo, pela sua paixão por empreender longas viagens e pela sua capacidade de comunicar as principais notícias sobre terras inexploradas. A sua presença na Ásia que se regista desde os inícios do século XVI, movida sobretudo por objectivos comerciais, bem cedo se estabiliza em diversos territórios deste continente: Goa em 1510, Malaca em 1511, as ilhas Molucas em 1512, Danang na Cochinchina em 1516, e a chegada accidental a Tanegashima em 1543, acima mencionada, e ainda o desembarque em Macau na segunda metade do século XVI. Arai escreve: «Questa nazione esportava a vari territori esteri prodotti europei e infine stabilì la sua gente nelle terre dell'Asia, come Goa, Macao e Moroca (Malacca) ecc., formando colonie incaricate delle attività commerciali».³¹

totius terrarum orbis tabula (1648) realizada pelo cartógrafo holandês Joan Blaeu (1596-1673), doada ao *shōgun* regente da agência de Deshima.

²⁸ Dois anos antes, sempre graças a algumas informações retiradas do encontro com Sidotti, completa o *Sairan igen*, um tratado de geografia que foi um dos mais acreditados até à era Meiji. Takeshita afirma que Arai Hakuseki, embora não sendo o único, «ebbe un ruolo specifico nell'indirizzare la cultura e la politica del paese verso un riconoscimento della superiorità delle scienze occidentali» (TAKESHITA, 1973: 16).

²⁹ Missionário xaveriano (Congregação fundada por Guido Maria Conforti [1865-1931] em Parma no ano de 1895) originário de Revine Lago (Treviso), chegado ao Japão com outros três confrades nos inícios de 1951. Em 1981, pede ao superior regional que o envie para a ilha de Yakushima para investigar sobre Giovan Battista Sidotti e acaba por permanecer aí até 4 de dezembro de 1997 (considerando um período de repouso e um tempo de convalescença em Itália). Funda a primeira igreja cristã na ilha inaugurada em 1988, erige, com o consentimento das autoridades locais, uma placa no local a que o presbítero siciliano tinha aportado e estabelece uma celebração anual (23 de novembro) para comemorar os acontecimentos dos primeiros anos do século XVIII. Estas informações foram adquiridas da secretaria-geral da congregação de Roma.

³⁰ Na pasta de Contarini com o número 1166 conserva-se um texto que apresenta o título *Ricerche su Sidotti* no qual se encontra a tradução dactilografada do *Seiyō Kibun*. Para informações sobre esta tradução, consulte-se: (PELLICCIA, 2017: 117, n. 26).

³¹ ASR, Lorenzo Contarini, *Ricerche su Sidotti*, p. 37-38.

Neste âmbito estão estreitamente relacionadas as notícias relativas ao comércio, que em certo sentido, repetem o que acaba de ser referido. No parágrafo *L'India* o autor recorda que os portugueses dirigem a partir desta base o seu comércio e pouco depois o neo-confucionista menciona a base de Macau, situada na extremidade meridional do delta do Xi Jiang, uma possessão de notável importância para as trocas mercantis com o Japão, especialmente com o porto de Nagasaki:

In un primo tempo, per dirigere il commercio marittimo, i Portoghesi si servirono di Goa; in seguito affittarono della terra nel porto di mare di Canton, e vi trasferirono dei rappresentanti. Quelli che, come si diceva, venivano da Goa e Macao tutti gli anni con doni durante le nostre ere Keichô e Genna (1596-1640) e si presentavano come oppure come in realtà erano Portoghesi residenti in quei luoghi.³²

Este aspecto é reforçado no parágrafo *Il Portogallo*:

La gente di Goa e Macao che durante le epoche Keichô e Genna (1596-1624) avevano continuato tutti gli anni a venire qui con i loro doni, effettivamente erano tutti Portoghesi, inviati di quelli che, avendo quelle basi in quei luoghi, dirigevano il commercio marittimo³³.

Nesta seção, na qual são contados alguns eventos e notícias sobre o país, o autor afirma que o primeiro laço instaurado entre a Europa e o Japão se verificou graças à chegada dos portugueses e que esse “diálogo” se prolongou até 1639, ano em que estes foram afastados:

Io penso che le prime navi europee che stabilirono contatto con noi siano state quelle del Portogallo. [...]. Ritengo che la prima venuta dei Portoghesi nel Feudo di Bungo risalga al Luglio del decimo anno della era Tenbun (1541). In seguito, nell'Agosto del dodicesimo anno della stessa era Tenbun (1543), essi sbarcarono nel Feudo di Satsuma.

³² *Ivi*, p. 61-62.

³³ *Ivi*, p. 38.

[...] Giunti al XVI anno Kan-ei fu proibita l'entrata delle navi straniere. (1639). Nel maggio del XVII anno della stessa era (1640) arrivò una nave mercantile di quella nazione. Nave e uomini furono bruciati³⁴.

Arai menciona, por fim, a tentativa por parte dos portugueses de revitalizar as relações comerciais com a Terra do Sol Nascente e o envio de uma nau lusitana a 22 de junho de 1640, de Macau, que chegou ao porto de Nagasaki a 6 de julho (a chamada embaixada mártir), com pessoas de diversas nacionalidades a bordo, as quais foram imediatamente presas, «e após a leitura de uma nova sentença foram executados no dia 3 de Agosto» (LEITÃO, 1994: 221), porque eram todos cristãos. O grupo de mártires composto por 4 embaixadores do Leal Senado de Macau e 57 ajudantes (excepto os 13 sobreviventes)³⁵ era formado desta maneira:

14 portugueses da Europa, 4 de Macau, 1 de Cochim, 1 de Ormuz e 1 de Chaul, 2 espanhóis e 1 mestiço indo-espanhol das Filipinas, 13 chineses, 6 de casta Bengala, 3 balalas, 5 malabares, 1 canarim, 3 negros de Moçambique, 1 achém, 1 solor, 1 timorense, 1 malabar-javanês, 1 pampang das Filipinas e 1 malaio. (PIRES, 1988: 5)³⁶.

Antes de avançarmos, referimos que na obra se encontra uma menção ao famoso navegador Fernão de Magalhães (1480-1521), o qual foi lembrado como conhecedor de astronomia e de geografia e perito em navegação. O autor celebrou a viagem que este empreendeu do porto de Sanlúcar, a 20 de setembro de 1519, para circum-navegar o globo com os seus navios e sublinhou que só alguns dos barcos conseguiram regressar à pátria (na verdade, só regressou um: o *Victoria*), uma vez que encontraram diversos problemas e perigos durante a navegação. Deve dizer-se que a expedição de Magalhães foi patrocinada pela coroa de Castela, pelo próprio Carlos V (1500-1558), que se encontrou pessoalmente com Magalhães em 1518, porque parece que os portugueses não se tinham mostrado interessados no seu projecto, estando convencidos que a rota ao longo das costas africanas seria a via mais rápida e tranquila para chegar ao Extremo Oriente. Uma ulterior referência ao navegador português aparece pouco depois quando Arai escreve: «Per questo gli Europei diedero a quello stretto, a quel mare e a quella terra il suo nome»,³⁷ fazendo com isso menção ao estreito de Magalhães, percorrido pelo próprio em 1520 e denominado inicialmente como *Estrecho de Todos los Santos*. O único elemento discutível é relativo à nacionalidade: Magalhães não é citado como

³⁴ *Ivi*, p. 38; 39.

³⁵ «rispediti a Macao perché riferissero la sorte dei loro compagni come ammonimento per il futuro» (DI FIORE, 2001: 128).

³⁶ Sobre a identidade dos mártires, consulte-se: (RUIZ-DE-MEDINA, 1999)

³⁷ *Ivi*, p. 35.

português, mas sabemos com certeza que o navegador nasceu em Sabrosa, uma localidade no Norte de Portugal, a 17 de outubro de 1480.

Não faltam informações ao contexto histórico-político de Portugal, em particular a alguns episódios que dizem respeito à dinastia de Avis, que governou o reino de 1385, ano em que subiu ao trono D. João I (1357-1433), a 1580, quando por falta de herdeiros directos se assiste a um período de união ibérica inaugurado por Filipe II (1527-1598), o qual tinha reivindicado os próprios direitos de sucessão ao trono em virtude das ligações matrimoniais que envolviam as duas casas reais. Nota-se, no entanto, algumas falhas na reconstituição da história portuguesa da segunda metade do século XVI até 1640 quando os nobres portugueses organizaram uma revolta contra o poder castelhano, matando o ministro de Filipe IV (1578-1621), prendendo a duquesa de Mantova e de Monferrato Margarida de Sabóia (1589-1655), e declarando soberano, a 15 de dezembro de 1640, D. João IV (1604-1656). É mencionada, em primeiro lugar, a princesa Joana de Áustria (1535-1573), quarta filha do imperador Carlos V e de Isabel de Portugal (1503-1539), mulher do príncipe João Manuel (1537-1554)³⁸, a qual tinha dado à luz o rei Sebastião (1554-1578), que subiu ao trono em 1557 (BRAGA, 1996: 231-242). Em segundo lugar, a história de D. Henrique I (1512-1580), feito rei em 1578, depois de ter tido uma brilhante carreira eclesiástica com a nomeação para cardeal em 1545, e pouco depois assinala-se o problema da sucessão, sendo mencionada Catarina de Bragança (1540-1614), neta de D. Manuel I (1469-1521) por via paterna, filha do infante D. Duarte (1515-1540), duque de Guimarães, e mulher de D. João (c. 1543-1583), duque de Bragança. Neste ponto Hakuseki escreve: «I Portoghesi fecero allora il piano di costituire erede la nipote di un Re precedente, e, fattane istanza al Re di Spagna, le fecero amministrare gli affari di Stato».³⁹ Aí chega à conclusão de que após sessenta anos de presença castelhana, o reino regressou aos portugueses com a escolha de João IV: «Il nome di quel Re è Don Juan Quar»⁴⁰, com o qual se iniciou a dinastia de Bragança que governou até aos primeiros anos do século XX (1910). George Elison afirma: «He treats in some detail the Portuguese dynastic problem and concludes that the royal house of Portugal became extinct because too many of its heirs despised the world and imitated Jesus Christ» (ELISON, 1991: 239).

São de notar, igualmente, algumas menções à força missionária portuguesa, ao papel que esta nação desempenha na história da evangelização dos territórios ultramarinos e ao apostolado de célebres jesuítas, que através do seu empenho marcaram os inícios da igreja católica no Extremo Oriente. Ainda no parágrafo *Il Portogallo*, Hakuseki afirma que a difusão do cristianismo no seu país foi possível por causa da atividade comercial portuguesa e, pouco depois, refere as tentativas do regime Tokugawa de afastar a doutrina católica do arquipélago: a proibição aos navios estrangeiros de levarem jesuítas a bordo em 1613 e o édito de proscrição

³⁸ Em 1554 foi admitida na Companhia de Jesus por Inácio de Loyola (1491-1556), depois da autorização papal, com o nome de Mateo Sánchez, que mais tarde mudará para Montoya (MARTÍNEZ-BURGOS GARCÍA, 2008: 79).

³⁹ ASR, L. Contarini, *Ricerche su Sidotti*, p. 39.

⁴⁰ *Ivi*, p. 40.

do ano anterior (*Hai Kirishitan Bun*),⁴¹ quando Ieyasu (1542-1616) «banned Christianity in all territories under his direct control» (FUJIWARA, 2012: 168).

Na mesma seção Hakuseki narra o ingresso da religião estrangeira no Japão com a chegada de Francisco Xavier e pouco depois com a presença missionária na China com a chegada de Matteo Ricci a Pequim, à corte do imperador Ming, a 24 de janeiro de 1601, com o intuito de se estabelecer na capital e promover iniciativas catequéticas e culturais:

Ricordo poi che l'entrata nel nostro paese della religione Cristiana risale al tempo quando, appena iniziate le relazioni commerciali di quella nazione con noi, il maestro Franshiscus Sabeiriusu arrivò, a bordo di quelle navi, nel feudo di Bungo. Questo è quindi avvenuto durante l'era Tenbun (1532-1554). Inoltre quella religione entrò in Cina nella primavera del ventinovesimo anno dell'era Manreki, sotto l'Imperatore Jinsô della dinastia dei Ming, (1601); sembra che l'entrata dell'europeo Rimetô ne segni gli inizi. Quel 29mo anno dell'era (cinese) Manreki, corrisponde all'anno sesto della nostra era Keichô. Se questo è esatto, l'entrata di quella religione in Cina è avvenuta con un ritardo di sessant'anni rispetto la sua entrata nel nostro paese.⁴²

Podem encontrar-se outras referências na obra, tais como, a amizade de Xavier com Ôtomo Yoshishige (1530-1587), *daimyô* de Bungo (encontrado em 1551), o qual foi batizado a 28 de agosto de 1578, com o nome de Francisco, precisamente em homenagem ao jesuíta espanhol;⁴³ o envio, por parte deste senhor feudal, de um embaixador a Roma com a função

⁴¹ «elaborating upon Hideyoshi's anti-Christian *edict* of 1587» (PERKINS, 1998: 61).

⁴² *Ivi*, p. 40-41.

⁴³ Este *daimyô* escreve uma carta a Valignano a 4 de dezembro de 1583, saindo do Japão em 20 de fevereiro de 1582, em conjunto com os membros da embaixada Tenshō, por meio do qual o senhor feudal pede ao visitador para interceder (mas também promover) junto ao pontífice e a Claudio Acquaviva (1543-1615) a fim que Francisco Xavier possa ser beatificado e venerado entre os santos daquela cristandade. Deste modo a comunidade católica pode crescer e incrementar ao mesmo tempo a devoção ao missionário com orações, missas, altares e outras práticas religiosas: «Bem sabe *vossa Reverencia* quanta consolação sera pera minha alma & pera todos os *padres* & Irmãos da companhia de Jesus *que* nestas partes andão trabalhando, Se Sua Sanctidade beatificar ao Sancto padre Mestre *francisco* pera *que* lhe possamos fazer ygreijas, altares, imagens, dizer missas, & rezar os *officios* diuinos & sabe quanto se esforçara toda essa *Christandade* com saber que he Sancto *aprouado* pola ygreija *aquelle que* primeiro lhe veio a declarar os misterios de nossa Sancta fé, *que* com fazermos ao Sancto esta honrra na terra o obrigaremos mais a rogar por nos nos ceos»: ARSI, Jap. Sin. 9 II, fl. 195. No ano seguinte, numa outra epístola, endereçada ao prepósito geral e datada de 20 de novembro de 1584, o “rei de Bungo” volta a considerar este argumento, referindo: «El año passado de 83 escrevi a *vuestra Paternidad Reverendissima* a cerca del *padre Maestre Francisco Xauier* de Santa memoria pera *que* hiziesse con su Santidad lo quisiesse Beatificar pera consuelo de todos nosotros, y pera le podermos festejar su dia cada año vna vez coma [sic] a Apostol que fue deste Jappon, y tales fueron Su vida y Santas costumbres que yo *por* muy cie<r>to tengo estar el gozando de la gloria delante la magestad de Dios, y que la *Christiandad* que *en* Jappon se haze es *por* su intercession; Agora en esta torno a pedir a *vuestra Paternidad Reverendissima* lo mismo pues sera pera consuelo de toda esta *Christiandad* y augmento della: ARSI, Jap. Sin. 33, fl. 31v.. Agostino di Lustrò, num artigo publicado recentemente, descreve, ainda que brevemente, as várias fases que levaram primeiro à beatificação e depois à canonização de Francisco Xavier: «Il processo di canonizzazione fu avviato per volere di re Giovanni III del

de apresentar as suas ricas ofertas, isto é, referências à missão e à viagem⁴⁴ de 4 jovens (tornados seguidamente membros da Companhia)⁴⁵, ao papa Gregório XIII (Ugo Boncompagni, r. 1572-1585) organizada por Valignano (*Tenshō shōnen shisetsu*, 1582-1590) e apoiada por Sōrin (ELIMINATA LA NOTA), nome budista «which he adopted upon his nominal retirement» (HARRIS TAKAO, 2016: 469), junto com outros dois *daimyō* de Kyūshū;⁴⁶ e o baptismo do segundogénito do “rei Francisco” Chikaie (1561-1641), cristianizado em 1575 com o nome de Sebastião pelo superior da missão Francisco Cabral (1528-1609), tornando-se assim no primeiro membro da sua casa a abraçar a nova fé.

Uma referência, também, à morte de Xavier na ilha de Shangchuan, a 3 de dezembro de 1552 e poucas páginas depois uma menção à inteligência de Matteo Ricci, que tinha conseguido fazer conhecer e apreciar as suas capacidades e atitudes de cientista na China, bem cedo difundidas em diversas realidades da Ásia Oriental. Chega-se à seguinte conclusão:

Per quanto io so, nel caso di Francesco Saverio dai primi tempi fin ad ora, non c'è nessuno Europeo, arrivato qui in Giappone, che non ne parli. Anche nel caso del Rishi (Ricci), stando a quel che dicono vari Confuciani della fine dell'epoca Ming, non c'è nessun Europeo che dica di non conoscerlo.⁴⁷

Na obra são individuados, igualmente, termos que derivam da língua portuguesa: empréstimos linguísticos (*gairaigo*) que entraram no idioma japonês graças ao contato com

Portogallo che il 28 marzo 1556 incaricò il vicere di Goa di raccogliere le testimonianze sulla vita e le virtù di Francesco. I processi canonici furono istruiti tra il 1556 e il 1557 a Goa, Malacca, Bassain e Cochín, ma subirono una battuta d'arresto in seguito alla morte del re del Portogallo. Dopo alterne vicende, tra il 1608 e il 1613 poté essere ripreso a Cebù (Filippine). Nel 1610 diviene promotore della causa il cardinale Pamphili e vengono celebrati processi in diverse città come Roma, Lisbona, Pamplona, Conchin, Goa, Malacca, S. Tomé, Mylapere. Il 15 ottobre 1619 Paolo V emanò il decreto per la beatificazione, mentre nel 1621 ha inizio il processo per la canonizzazione che avviene il 12 marzo 1622 per opera di Gregorio XV nella Basilica Vaticana. Insieme con lui furono canonizzati Isidoro l'agricoltore, Ignazio di Lojola, Teresa d'Avila, tutti spagnoli, e Filippo Neri, italiano» (DI LUSTRO, 2006: 33).

⁴⁴ O itinerário é narrado no *De Missione Legatorum Iaponensium ad Romanam Curiam...: impresso em latim, com a maquinaria proveniente de Lisboa, em Macau no ano de 1590. A obra, composta por 34 colloquia, descreve sob a forma de diálogo entre os quatro jovens e dois primos de Miguel (Lino e Leão), a sua viagem com as respectivas experiências. Existem diversas considerações e hipóteses sobre a autoria do volume, muitas das quais atribuem a sua elaboração a Alessandro Valignano (autor do texto em espanhol) e assim a tradução em língua latina ao português Duarte de Sande (1547-1599), como indicado no título do próprio livro (& in sermonem Latinum versus / ab Eduardo de Sande Sacerdote Societatis IESV). A obra foi traduzida em outras línguas: em japonês em 1942, em português no ano de 1997, em inglês em 2012 e, por fim, em italiano no ano de 2016.*

⁴⁵ Enquanto que Itō Mancio (c.1570-1612), Nakaura Julia o (1567-1633) e Hara Martinho (1569-1639) são ordenados sacerdotes em 1608 pelo bispo Luís de Cerqueira (1552-1614), Chijiwa Miguel (1569-1633) sai da Companhia talvez em torno a 1601.

⁴⁶ Os outros dois senhores feudais são Ōmura Sumitada (1532-1587), conhecido como D. Bartolomeu, baptizado em 1563, e Arima Harunobu (1567-1612) com o nome de D. Protásio, cristianizado em 1580 por Valignano. O *daimyō* de Bungo envia o seu sobrinho Itō Mancio. Arima Harunobu e Ōmura Sumitada enviam Miguel. «Julião e Martinho, dois fidalgos da casa de Omura, acompanham os dois enviados». (CORREIA, 2012: 74).

⁴⁷ ASR, L. Contarini, *Ricerche su Sidotti*, p. 96-97.

mercadores, navegadores e missionários, a maior parte relativos ao âmbito religioso.⁴⁸ Apresentamos aqui alguns dos vocábulos localizados:

Japonês	Português
Botan	Botão
Haraiso	Paraíso
Inperuno	Inferno
Iruman	Irmão
Kappa	Capa
Kasuteira	Castela
Kirishitan	Cristão
Konchirisan	Contrição
Kontatsu	Contas ⁴⁹
Kurusu	Cruz
Masan	Maça
Pateren/Bateren	Padre
Teriari	Terreal

Uma rápida menção à palavra “anjo” destacando a seguinte expressão: «“Anzerusu”⁵⁰, sono una specie di quegli esseri, che i Maestri buddisti chiamano Kô-on-ten-nin. In Portoghese sono chiamati “anjo”». ⁵¹ Em diversos documentos do “século cristão” (1549-1650), como por exemplo o famoso códice Reg. Lat. 459, redigido em *rômaji* e conservado na Biblioteca Apostolica Vaticana de Roma (BAV), é possível encontrar o empréstimo linguístico do português anjo (no fl. 8v), o qual se encontra atestado de forma escrita pela primeira vez

⁴⁸ Hakuseki foi o primeiro japonês a usar consistentemente o *katakana* para transcrever palavras estrangeiras e utiliza muitas notas (*warichū*) no texto para explicar termos não familiares e nomes próprios (KAISER, 1996: 23).

⁴⁹ Plural de “conta” vocábulo que exprime «beads, that is the instrument on which the prayer called “Rozario”» (EYLENBOSCH, 1942: 264). Esse instrumento, utilizado pelos católicos para a prática mariana é associado por Arai com *nenju*, fazendo assim referência ao budista. Parece que este último termo seja um sinónimo de *juzu*, «which literally means “telling beads”, that is, beads for counting chants» (TANABE, 2012: 4).

⁵⁰ Vocábulo derivado do latim *angelus*.

⁵¹ ASR, L. Contarini, *Ricerche su Sidotti*, p. 114.

em 1591 (IRWIN, 2011: 32)⁵², ano da compilação do referido códice, estando as palavras de Manuel Barreto (1564-1620) mencionadas no frontispício.⁵³

A propósito do uso da língua portuguesa no Japão, Adolfo Tamburello escreve:

Il portoghese continuò ad essere usato con inglesi e olandesi⁵⁴, e solo molto dopo il definitivo allontanamento degli Iberici dai traffici con l'arcipelago, l'olandese cominciò a sostituire il portoghese. Questo tuttavia non fu accantonato ed ancora ai primi del Settecento, come si dimostrò in occasione dell'interrogatorio dell'italiano G.B. Sidotti, non fu difficile reclutare interpreti di portoghese. Inoltre, ancora nel 1781, un'opera di medicina e chirurgia il *Geka shōbi* di Miyagawa Shunki, includeva in appendice un lessico di termini tecnici portoghesi e olandesi (TAMBURELLO, 1980: 23).

Isto foi afirmado também por Charles R. Boxer:

É bem conhecido que nessa altura o português era a *língua-franca*⁵⁵ comercial no Extremo Oriente, ocupando o lugar que o inglês e o malaio ocupam, hoje em dia nessa região. Por isso no princípio de século dezasete, todos os navios holandeses e ingleses que partiam da Europa para o Oriente levavam a bordo um português professor da língua e o conhecimento desta era em pré-requisito para qualquer comerciante que fosse para aquelas paragens. Os primeiros holandeses e ingleses que chegaram ao Japão faziam o seu negócio com os japoneses, em português, e esta língua só foi substituída pelo holandês algum tempo depois dos holandeses terem sido deslocados de Hirado para Deshima em 1641 (BOXER, 1993: 94).

⁵² Esta palavra está presente também em *Dochiriina Kirishitan* (1591): *anjiyo* (TOLLINI, 2001/2002: 250).

⁵³ «Qualquer padre, ou Irmão que deste cartapácio se servir se lembre de encomendar a nosso Senhor ao minimo da Companhia e Servo de todos o P.e Manoel Barreto. 1591».

⁵⁴ «It is notable, however, that Portuguese continued to be used as a language of communication with other European traders in Japan until the early part of the eighteenth century despite the final expulsion of the Portuguese in 1639. This was because the Spanish (1592-1624), the English (1613-1623) and the Dutch (1609-1854) were obliged to use a language familiar to the Japanese interpreters» (GUNN, 2003: 258).

⁵⁵ João Pedro Ferro declara: «Com os Descobrimentos e a expansão europeia, iniciados por Portugal, a língua portuguesa assumiu um papel de extrema importância, tornando-se, durante os séculos XVI, XVII e XVIII, a *língua-franca* da maioria dos novos mundos, suprimindo as dificuldades de comunicação entre os Europeus e com os povos autóctones das várias regiões» (FERRO, 1998: 351).

Por outro lado, Michele Fatica nota que o português é uma língua franca mesmo em outros locais da Ásia e o conhecimento desse idioma parece ser um dos requisitos para os missionários d'além-mar, os quais se dedicam ao estudo ainda durante a permanência em Portugal enquanto esperavam embarcar:

È una testimonianza questa della popolarità, per non dire obbligatorietà, della lingua portoghese come lingua veicolare per tutti i missionari che avevano come scopo l'evangelizzazione dei popoli sparsi tra il subcontinente indiano, l'Insulindia, l'Indocina, la Cina e il Giappone. La conoscenza necessaria della lingua portoghese era strettamente legata al monopolio della diffusione del cristianesimo riservata dai papi proprio ai «fedelissimi» sovrani del Portogallo (FATICA, 2008: 244).

Por fim, a esfera cultural surge logo nas primeiras páginas, onde se encontra escrito: «Quanto poi a Castiglia, essa è una nazione vicina a una terra chiamata Italia; e un dolce che vi si faceva e che era stato introdotto qui da noi, sembra lo si possa trovare tuttora». ⁵⁶ Hakuseki mostrou um outro aspecto que caracterizou o encontro entre a Europa e o Japão: o âmbito culinário (*nanban ryōri*) e o da pastelaria (*nanban gashi*) e mencionou o *Kasutera*, um *sponge cake* de proveniência ibérica, que actualmente é considerado uma especialidade de Nagasaki. Uma história identifica o primeiro japonês a produzir este doce, Murayama Tōan António (1566-1619), o qual, em 1587, em Nagasaki, abriu uma loja para vender o *Kasutera Tōan*, que ele mesmo apresentou a Toyotomi Hideyoshi (1537-1598) e ao *shōgun* Tokugawa Ieyasu (PELLICCIA, 2015: 85). Neste setor é possível encontrar também anedotas e histórias curiosas, por vezes verosímeis, pertencentes à categoria religiosa, que têm os portugueses como protagonistas. Arai, baseado no que foi escrito por Giuseppe Chiara, narrou que no feudo de Bungo havia uma casa habitada por espíritos e no momento em que chegaram os portugueses e aí desenharam uma cruz na parede aqueles situações estranhas terminaram e «Quando il Governatore del feudo ne fu informato, lo ritenne un avvenimento straordinario». ⁵⁷

Conclusões

Através deste breve *excursus* e dos exemplos apresentados, é possível afirmar que a cultura portuguesa não tinha sido completamente esquecida no Japão dos séculos XVII e

⁵⁶ ASR, L. Contarini, *Ricerche su Sidotti*, p. 3.

⁵⁷ *Ivi*, p. 93.

XVIII e o empenho profuso dos missionários europeus em várias disciplinas continuava a difundir-se através de outros canais, de novos instrumentos e de diversos agentes.

Os estudos efectuados pelos holandeses e pelos cultores dos estudos holandeses (*rangakusha*) e os livros sobre as ciências ocidentais introduzidos através dos contatos com a China, considerados muitas vezes material precioso para a realização de textos japoneses, parecem permitir concluir que o *nanbangaku* não terminou na primeira metade do século XVII em virtude da hostilidade mostrada pelo governo Tokugawa para com os portugueses e espanhóis, promotores da cultura europeia de expressão católica.

O *Seiyō Kibun* de Arai Hakuseki, pelas suas referências a Portugal e à cultura portuguesa, pode ser definido como um pequeno bloco que contribui para a realização deste mosaico, com o objectivo de contara história de Portugal, visto como uma potência comercial, colonial, marítima e missionária. Através dos entrepostos de Goa e de Macau, do apostolado pastoral, cultural e científico de Francisco Xavier e de Matteo Ricci, da memória dos grandes navegadores e mercadores e da utilização de alguns termos da língua portuguesa, já entrados no léxico corrente, o autor faz-nos compreender o papel que Portugal obteve no Japão a partir do final da primeira metade do século XVI e nos lembra a importância do diálogo com a alteridade, desde sempre considerado um momento enriquecedor e formativo.

Referências

Fontes

Archivio Saveriano Roma, 1166, Contarini Lorenzo, *Ricerche su Sidotti*.

Archivum Romanum Societatis Iesu, Jap. Sin. 9 II, fls. 195-196v.

Archivum Romanum Societatis Iesu, Jap. Sin. 33, fls. 31-32v.

Referências Bibliográficas

BORRIELLO, Giovanni. “La diffusione delle conoscenze mediche europee in Giappone”. *Il Giappone*, Roma-Napoli, v. 42, p. 49-64, 2002.

BOXER, Charles Ralph. *The Christian Century in Japan: 1549-1650*, Berkeley: University of California Press, 1951.

Id., *A Igreja e a Expansão Ibérica (1440-1770)*, Tradução de Maria de Lucena Barros e Sá Contreiras, Lisboa: Edições 70, 1978.

Id., “Alguns aspectos da influência portuguesa no Japão, 1542-1640”. *Revista de cultura*, Lisboa, n. 17, p. 73-100, 1993.

BRAGA, Paulo Drumond. “D. Joana de Áustria (1535-1573): Uma releitura da sua intervenção na vida portuguesa”, *Arquivos do Centro Cultural Calouste Gulbenkian*, Lisboa-Paris, v. 35, p. 231-242, 1996.

CARIOTI, Patrizia. “L’intervento indiretto del Giappone nell’insediamento portoghese di Macao (1557). Gli anni della svolta: 1543-1571”. *Il Giappone*, Roma-Napoli, v. 42, p. 31-47, 2002.

CIESLIK, Hubert, S.J.. “The Case of Christovão Ferreira”. *Monumenta Nipponica*, Tōkyō, v. 29, n. 1, p. 1-54, 1974.

CORREIA, Pedro Lage Reis. “Father Diogo de Mesquita (1551-1614) and the cultivation of Western plants in Japan”. *Bulletin of Portuguese/Japanese Studies*, Lisboa, n. 7, p. 73-91, 2003.

Id.. “Conhecimento e experiência: o contacto entre a Europa e o Japão no contexto da missão enviada a Roma pela Companhia de Jesus (1582-1590)”, *Lusitania Sacra*, Lisboa, v. 25, Série 2, p. 73-82, 2012.

CURVELO, Alexandra. “Nagasaki. An European Artistic City in early Modern Japan”. *Bulletin of Portuguese/Japanese Studies*, Lisboa, n. 2, p. 23-35, 2001.

CUSATI, Maria Luisa: “O Padre Matteo Ripa em Macau e o caso Maillard de Tournon”. In: CECCUCCI, Piero (org.). *Quarto Centenário da Morte do Padre Matteo Ricci (1552-1610). Macau e o Oriente nas Literaturas de Língua Portuguesa – Receios e Seduções – Actas do Colóquio Internacional, Florença 10-11 de Maio de 2010*, Roma: Società Editrice Dante Alighieri, 2012, p. 39-46.

DI FIORE, Giacomo. “Strategie di evangelizzazione nell’Oriente asiatico tra Cinquecento e Settecento”. In: MARTINA, Giacomo – DOVERE, Ugo (orgs.). *Il cammino della evangelizzazione. Problemi storiografici*, Bologna: Il Mulino, 2001, p. 97-162.

DI LUSTRO, Agostino, “Il culto di San Francesco Saverio a Ischia nel quinto centenario della sua nascita”. *La Rassegna d’Ischia*, Ischia, n. 3, p. 31-38, 2006.

DI RUSSO, Marisa. “Il *Teppōki*: il manoscritto e l’autore”. *Annali dell’Istituto Universitario Orientale di Napoli*, Napoli, v. 35, n. 3, (Nuova Serie XXV), p. 359-376, 1975.

ELISON, George. *Deus destroyed: The Image of Christianity in Early Modern Japan*, Cambridge: Council on East Asian Studies, Harvard University, 1991 (1ª ed. 1973).

EYLENBOSCH, Joseph M.. “Review: Gairaigo-Jiten. (A Dictionary of Foreign Words). by Arakawa Sobei”. *Monumenta Nipponica*, Tōkyō, v. 5, n. 1, p. 261-264, 1972.

FATICA, Michele: “La lingua portoghese come lingua veicolare in Cina e in India nei secoli XVI-XVIII”. In: CUSATI, Maria Luisa (a cura di). *Atti del Convegno Internazionale Portogallo e Asia*, Napoli: Università degli Studi di Napoli “L’Orientale”, 2008, p. 241-262.

FERRO, João Pedro: “Os Contactos Linguísticos e a Expansão da Língua Portuguesa”. In: MARQUES A.H. de Oliveira (org.). *História dos Portugueses no Extremo Oriente*. Lisboa: Fundação Oriente, 1998, 1 Volume, Tomo I. Em Torno de Macau, p. 351-429.

FUJIWARA, Atsuyoshi. *Theology of Culture in a Japanese Context: A Believers’ Church Perspective*, Eugene, OR, Pickwick Publications, 2012.

GARCÍA GUTIÉRREZ, Fernando. “Los grabadores flamencos de los siglos XVI y XVII y la Compañía de Jesús”. *Archivum Historicum Societatis Iesu*, Roma, n. 145, v. 73, p. 89-120, 2004.

GUNN, Geoffrey C. *First Globalization. The Eurasian Exchange, 1500-1800*. Oxford, UK: Rowman & Littlefield, 2003.

HARRIS TAKAO, Makoto. “Francis Xavier at the Court of Ōtomo Yoshishige: Representations of Religious Disputation between Jesuits and Buddhists in *La conversione alla santa fede del re di Bungo giapponese (1703)*”. *Journal of Jesuit Studies*, Leiden, v. 3, n. 3, p. 451-474, 2016.

HESSELINK, H. Reinier. “*I go shopping in Christian Nagasaki*: Entries from the diary of a Mito Samurai, Ōwada Shigekiyo (1593)”. *Bulletin of Portuguese/Japanese Studies*, Lisboa, v. 2, n. 1, p. 27-45, 2015.

HUNG-KAY-LUK, Bernard: “Aleni introduces the Western Academic Tradition to Seventeenth-Century China: A Study of the Xixue fan”. In: LIPPIELLO, Tiziana – MALEK, Roman (eds.). “*Scholar from the West*”: Giulio Aleni S.J. (1582-1649) and the Dialogue between Christianity and China, Brescia-Sankt Augustin: Fondazione Civiltà Bresciana-Monumenta Serica, 1997, p. 479-518.

IANNACCONE, Isaia: “Matteo Ricci e l’introduzione delle scienze occidentali in Cina”. In: D’ARELLI, Francesco (a cura di). *Le Marche e l’Oriente. Una tradizione ininterrotta da Matteo Ricci a Giuseppe Tucci*. Atti del Convegno Internazionale Macerata, 23-26 ottobre 1996, Roma: Istituto Italiano per l’Africa e l’Oriente, 1998, p. 199-218.

IANNELLO, Tiziana. *Shōgun, kōmōjin e rangakusha. Le Compagnie delle Indie e l’apertura del Giappone alla tecnologia occidentale nei secoli XVII-XVIII*, Padova: Libreriauniversitaria.it Edizioni, 2012.

IRWIN, Mark. *Loanwords in Japanese*, Amsterdam-Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2011.

JANEIRA, Armando Martins. *O Impacto Português sobre a Civilização Japonesa*, Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1988 (1ª ed. 1970).

JANEIRA, Ingrid Bloser Martins: “Portugueses mensageiros do Ocidente no Japão”. In: CUSATI, Maria Luisa (a cura di). *Il Portogallo e i mari: un incontro tra culture. Congresso internazionale, (Napoli, 15-17 dicembre 1994)*, II, Napoli: Liguori, 1997, p. 407-420.

JENNES, Joseph, CICM. *A History of the Catholic Church in Japan: From its Beginnings to the Early Meiji Period (1549-1873): A Short Handbook*, Tōkyō: Committee of Apostolate, 1959.

KAISER, Stefan: “Translations of Christian Terminology into Japanese, 16-19th Centuries: Problems and Solutions”. In: BREEN, John – WILLIAMS, Mark (eds.), *Japan and Christianity: Impacts and Responses*, Houndsmills: Macmillan Press LTD, 1996, p. 8-29.

LEEMHUIS, Fiorella. “Contatti fra Olanda e Giappone”. *Il Giappone*, Roma, v. 9, p. 121-158, 1969.

Ead.. “Gli Olandesi a Deshima”. *Il Giappone*, Roma, v. 11, p. 63-86, 1971.

LEITÃO, Ana Maria Ramalho Prosérpio: “Os portugueses e o termo das relações comerciais com o Japão: tentativas de reaproximação e de substituição”. In: CARNEIRO, Roberto – MATOS, Artur Teodoro de (orgs.). *O Século Cristão do Japão. Actas do Colóquio Internacional Comemorativo dos 450 anos de amizade Portugal-Japão (1543-1993) (Lisboa, 2 a 5 de Novembro de 1993)*, Lisboa: Barbosa & Xavier Ltda, 1994, p. 217-250.

LEITÃO, Henrique – SANTOS, José Miguel Pinto dos. “O Kenkon Bensetsu e a recepção da cosmologia ocidental no Japão do séc. XVII”, *Revista portuguesa de filosofia*, Braga, v. 54, n. 2, p. 285-318, 1998.

LIDIN, Olof G.. *Tanegashima: The Arrival of Europe in Japan*, Copenhagen: NIAS Press, 2002.

LOUREIRO, Rui Manuel. *Nas partes da China*, Lisboa: Centro Científico e Cultural de Macau, I.P., 2009.

LUCCHESI, Maria. “Il primo incontro tra il Giappone e la scienza europea: Il caso di Christovão Ferreira”. *Il Giappone*, Roma, v. 35, p. 35-82, 1995.

MAEDA, Taiji. “La cultura europea in Giappone nei secoli XVI-XVII: Il gusto dei daimyō per l’esotico”. *Il Giappone*, Roma, v. 3, p. 111-117, 1963.

MARTÍNEZ-BURGOS GARCÍA, Palma. “Viudas Ejemplares. La princesa Doña Juana de Austria, Mecenzago y Devoción”. *Chronica Nova*, Granada, v. 34, p. 63-79, 2008.

McCAFFREY, Olivia. "The Evolution of Japanese Cartography". *Kaleidoscope International Journal*, Boston, v. 7, n. 1, p. 20-42, 2015.

ORSI, Maria Teresa. "La narrativa giapponese negli anni di transizione Tokugawa-Meiji 1840-1880". *Annali dell'Istituto Universitario Orientale di Napoli*, Napoli, v. 39, n. 3, (Nuova Serie XXIX), p. 421-456, 1979.

Ead.. "Il rangaku kotohajime di Kikuchi Kan". *Il Giappone*, Roma, v. 14, p. 73-102, 1974.

PELLICCIA, Carlo: "La lingua portoghese in Giappone nei secoli XVI e XVII: cibo e dolci dei 'barbari del sud'". In: DE LUCA, Emma (a cura di). *Parla come mangi. Lingua portoghese e cibo in contesto interculturale*, Viterbo: Sette Città, 2015, p. 75-90.

Id.. "Le donne nel *Seiyō Kibun* (1715) di Arai Hakuseki nella traduzione italiana di Lorenzo Contarini". In ROSSI, Maria Antonietta (a cura di). *Donne, Cultura e Società nel panorama lusitano e internazionale (secoli XVI-XXI)*, Viterbo: Sette Città, 2017, p. 109-143.

PERKINS, Dorothy. *The Samurai of Japan: A Chronology from Their Origin in the Heian Era (795-1185) to the Modern Era*, Darby, PA: Diane Publishing Co., 1998.

PIRES, Benjamim Videira, S.J.. *A Embaixada Mártir*, Macau: Instituto Cultural de Macau, 1988 (1ª ed. 1965).

RUIZ-DE-MEDINA, "Juan, Fusión de culturas en los Extremos de Euroasia". *Archivum Historicum Societatis Iesu*, Roma, v. 66, n. 131, p. 167-184, 1997.

Id. *El martirologio del Japón, 1558-1873*, Roma: Institutum Historicum Societatis Iesu, 1999.

SALVIA, Stefano: "The Battle of the Astronomers. Johann Adam Schall von Bell and Ferdinand Verbiest at the Court of the Celestial Emperors". In: ROCA-ROSELL, Antoni (ed.). *The Circulation of Science and Technology. Proceedings of the 4th International Conference of the European Society for the History of Science Barcelona, 18-20 November 2010*, Barcelona, Societat Catalana d'Història de la Ciència i de la Tècnica, 2012, p. 959-963.

SANTOS, José Miguel Duarte Leite Pinto dos. "The 'Kuroda Plot' and the Legacy of Jesuit Scientific influence in Seventeenth Century Japan". *Bulletin of Portuguese/Japanese Studies*, Lisboa, nn. 10/11, p. 97-191, 2005.

Id.: *A Study in Cross-cultural Transmission of Natural Philosophy: The Kenkon Bensetsu*. 2011, Dissertação de Doutoramento em História dos Descobrimentos – Universidade Nova de Lisboa, 2012.

SCHURHAMMER, Georg, S.J.. "O descobrimento do Japão pelos Portugueses no ano de 1543". *Anais da Academia Portuguesa da historia*, Lisboa, v. 2, Série 2, p. 17-85, 1946.

SEMIZU, Yukino: “*Oranda tsūji* and the *Sidotti* incident: an interview with an Italian missionary by a Confucian scholar in eighteenth-century Japan”. In: MASON, Ian (ed.). *Triadic Exchanges: Studies in Dialogue Interpreting*, Manchester: St. Jerome Publishing, 2001, p. 131-145.

SHIMIZU, Yuko: “An Analysis of Historical Documents Concerning when the Portuguese First arrived in Japan”. In *Congresso Internacional A Presença Portuguesa no Japão nos séculos XVI e XVII*, Lisboa: [s.e.], 2005, p. 53-59.

TAKESHITA, Toshiaki. “La *Yôgaku* (*Rangaku*) e la prima introduzione della scienza occidentale in Giappone”. *Il Giappone*, Roma, v. 13, p. 9-36, 1973.

TAMBURELLO, Adolfo, “La cultura occidentale nel Giappone Tokugawa. Parte I – Gli sviluppi del *nanbangaku* e l’apporto attraverso la Cina”. *Il Giappone*, Roma, v. 19, p. 137-151, 1979.

Id. “La cultura occidentale nel Giappone Tokugawa. Parte II – La mediazione olandese e russa fra Seicento e Settecento”. *Il Giappone*, Roma, v. 20, p. 19-49, 1980.

Id., “L’opera di Matteo Ricci nella diffusione della cultura europea in Giappone”. In: CIGLIANO, Maria (a cura di). *Atti del Convegno Internazionale di studi ricciani, Macerata-Roma, 22-25 ottobre 1982*, Macerata: Centro studi ricciani, 1984, p. 151-155.

Id., “L’eredità del *Padroado Real* in Giappone. La continuità della componente cattolica della cultura europea nell’arcipelago fra la metà dei secoli XVII-XIX”. In *Studi in memoria di Eraldo Melillo Reali*, Napoli: Istituto Universitario Orientale, 1989, p. 239-252.

TANABE, George J.. “Beads: The Forms and Functions of the Buddhist Rosary in Japan”. *Beiträge des Arbeitskreises Japanische Religionen*, Tübingen, v. 12, n. 2, p. 1-20, 2012.

TOLLINI, Aldo. “La resa del termine ‘amore’ negli scritti dei primi missionari occidentali in Giappone”. *Asiatica Venetiana*, Venezia, v. 6/7, p. 249-264, 2001/2002.

Recebido em 07/08/2017

Aprovado em 10/11/2017